

A PERCEPÇÃO DAS DIFICULDADES NA AMAMENTAÇÃO A PARTIR DA VIVÊNCIA EM UM PROJETO DE EDUCAÇÃO POPULAR: EMOÇÕES, CRENÇAS E VALORES SOCIAIS

Bruna Grasielle da Silva Nascimento

Programa de Pós-graduação em Educação- PPGE/Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Resumo:

Diante da inquietação dos profissionais de saúde do ICV (Instituto Cândida Vargas) envolvidos na amamentação, desperta a necessidade de motivar a equipe multiprofissional e incentivar usuárias às práticas preconizadas pelo MS (Ministério da Saúde) através da IHAC (Iniciativa Hospital Amigo da Criança) que tem como princípio promover o aleitamento materno, que deve ser pautado em ações educativas permanentes. Diante dessa reflexão, o projeto “Educação Popular para Amamentar” surgiu com a motivação de tratar a educação para a amamentação como uma prática pedagógica holística e dialógica, enfatizando as características da afetividade, proximidade e emancipação da mulher através da práxis. Em busca de novas perspectivas de trabalho voltadas ao incentivo e apoio ao aleitamento materno, uma enfermeira e duas psicólogas, desenvolveram por meio deste projeto, ações de cunho educativo e participativo, através da perspectiva da Educação Popular. O relato aqui realizado, objetiva expor a percepção das dificuldades na amamentação a partir da vivência do projeto “Educação Popular para Amamentar”, que teve como foco a valorização das emoções, crenças e valores sociais das mulheres gestantes ou em período de amamentação. O relato de experiência, enquadra-se na técnica da etnografia, que motiva estudar e cuidar de grupos de pessoas numa perspectiva transcultural, compreendendo que as pessoas tem seus modos de perceber o mundo e relacionar as suas vivências e percepções com crenças e práticas de saúde, aproximando o pesquisador do ambiente de estudo, destacando a perspectiva da Teoria da Enfermagem Transcultural defendida por Madeleine Leininger. Observamos que as ações educativas que valorizam a emocionalidade que foram provocadas pelo projeto, resultaram no primeiro momento um aumento significativo nas doações de LM (Leite Materno) por parte de doadoras internas e externas, pela maior mobilização dos profissionais do instituto, no sentido de motivar e estimular as usuárias do serviço. Posteriormente, notou-se uma maior conscientização na abordagem da amamentação por parte dos profissionais.

INTRODUÇÃO

Esse relato discorre sobre como as práticas holísticas de educação para a amamentação atreladas ao Projeto “Educação Popular para Amamentar” puderam contribuir para a ressignificação de saberes de usuários e profissionais de saúde e para o fortalecimento da prática do aleitamento materno nas comunidades de João Pessoa-PB.

A atuação no Núcleo de Educação Permanente em Aleitamento Materno - NEPAM, do Banco de Leite Humano Dr.^a Zilda Arns do Instituto Cândida Vargas - ICV, de 2011 a 2017, foi um desafio encantador, pois, por ser um Hospital Amigo da Criança e da Mulher, este é um serviço chave para a elaboração de ações e difusão do conhecimento acerca do aleitamento materno dentro da maternidade que registra uma média de 700 partos por mês, e na comunidade de um modo geral (unidades de saúde da família, instituições de ensino, praças e espaços privados).

O contato profissional com este serviço nos permitiu a reflexão sobre o ato de amamentar, e o questionamento acerca dos desafios que estão atrelados à realidade da prática, como as questões sociais, psicológicas e afetivas: violência de classe e gênero, falta de acesso à educação e saúde de qualidade, são alguns exemplos dos entraves que se manifestam como agravantes para a plenitude da vivência do amamentar. Deste modo, surge a questão: como um projeto de educação popular voltado para a prática afetiva da amamentação pode vir a contribuir com essa comunidade valores, crenças e significados emocionais diversos?

Possebon (2017, p. 62), em sua obra “O Universo das emoções: uma introdução”, chamamos a compreender que:

Criamos o mundo a partir de nossas percepções. Nosso mundo é a nossa visão de mundo. Na sua relação com o seu entorno, o que está colocado é que o indivíduo, frente aos estímulos, acaba por transformá-los ativamente, segundo suas próprias exigências. Desta compreensão, segue a afirmação de que o conhecimento não se organiza em função das exigências externas e sim de exigências internas, do próprio indivíduo.

Diante de minha inquietação e questionamento acerca do modelo de transmissão de informações e da eficiência das ações educativas sobre o aleitamento materno preexistentes, que não valorizavam a individualidade de cada mulher em seus anseios e sentimentos. Para tanto, busquei contato com o setor de psicologia do ICV, pois, sentia a necessidade de motivar a equipe multiprofissional da maternidade, das unidades de saúde da família, instituições de ensino e demais

espaços que houvesse abertura, para dialogar sobre as possibilidades de práticas humanísticas para abordar as políticas de aleitamento através da atenção holística, enfatizando a atenção às emoções e sentimentos da mulher que amamenta.

No ano de 2013, então, iniciamos em parceria com as psicólogas Danielly Diniz e Josenilda Soares, o projeto intitulado “Educação Popular para Amamentar”. Apesar de ser considerado pela Organização Pan-americana de saúde (OPAS) como referência mundial em aleitamento materno no ano de 2016, o Brasil ainda é um dos países com maior índice de desmame precoce no mundo. De modo geral, o percentual de crianças alimentadas exclusivamente com leite materno é baixo já no primeiro mês de vida (47,5%). Na idade de 120 dias, a proporção estimada foi 17,7% e, aos 180 dias, 7,7%. No Estado da Paraíba, apenas 22,4% das crianças menores de quatro meses receberam Aleitamento Materno Exclusivo (AME). Assim, é contraditório pensar que o Brasil, mesmo sendo referência mundial em aleitamento, tenha um índice baixo para o aleitamento materno exclusivo.

A amamentação adequada nutre física e psicologicamente “porque o leite emocional é absorvido junto com o leite físico” (GUTMAN, 2007, p.69). Os bebês nascem com uma grande sensibilidade para captar sinais da qualidade do afeto dispensados a eles pelos pais. Os níveis elevados de ocitocina possibilitam a instalação de um forte vínculo afetivo entre a mulher e seu filho, a cada mamada essa conexão se fortalece. Sendo um ato de extremamente importante para a construção da confiança do novo ser, estando associado ao equilíbrio físico e emocional tanto da mulher, quanto do bebe.

O sucesso do ato de amamentar, depende de fatores históricos, sociais, culturais, psicológicos e emocionais da mulher/puérpera. Um agravante que tem contribuído substancialmente para o desmame, é a inserção avassaladora de fórmulas lácteas e alimentos industrializados para crianças na primeira infância. Desde a década de 1950, no período pós guerra, a indústria tem se utilizado de propagandas ilegais para “provar” que seu produto é tão bom ou melhor que, o leite materno, desqualificando em muitas dessas propagandas, o potencial do leite humano.

De modo geral, as mulheres, futuras mães, sabem que é importante amamentar o seu futuro filho. Mas, essa informação “solta” não colabora de forma real para a prática. Os entraves sociais e emocionais podem acontecer com frequência no ato físico. A amamentação esta relacionada diretamente a maneira como a mulher esta inserida em nossa “sociedade”, isso implica dizer que é um ato permeado de significado, de resistências e significações. Estudos científicos comprovaram que, por intermédio da amamentação, o binômio mãe-filho tem maior oportunidade de envolvimento e aprofundamento afetivo. Ao nível psicológico ocorre uma diminuição do possível

efeito traumático da ruptura provocada pelo parto. Assim, a amamentação não é apenas um processo fisiológico de amamentar o bebê, que possa ser substituído sem perdas, mas envolve um patamar mais amplo de comunicação social, psicológica e emocional entre a mulher/mãe e o seu filho (ALMEIDA, 1999).

Diante dessa reflexão, o projeto “Educação Popular para Amamentar” surgiu com a motivação de tratar a educação para a amamentação como uma prática pedagógica holística e dialógica, enfatizando as características da afetividade, proximidade e emancipação da mulher através da práxis.

A amamentação supre as necessidades mais importantes da cria: fome, sede e segurança (GUTMAN, 2009). Galiza (2015), ao se referir à relevância da ancestralidade, em sua tese que trata da “Educação Transgeracional Sistêmica”, descreve a importância de uma prática educativa que estimule o ser humano a enxergar os registros ancestrais inapagáveis, trazidas através de gerações, como herança potencialmente oportuna, trazida em seus corpos físico, mental e espiritual.

Desta maneira, é válido salientar, a importância do compromisso e conhecimento humano dos profissionais de saúde envolvidos na atenção ao aleitamento materno. Sendo esta uma ação marcada não somente pela sociedade, mas, pela herança somática ancestral. Contudo, essa é uma aliança difícil de se estruturar. A subjetividade, a cultura, o saber popular, a ênfase às emoções, as crenças e a espiritualidade, tem caído no julgo do “misticismo”, tendo sido desconsiderado seu valor.

Há momentos em que alguns profissionais da área, no afã de trazer uma resolutividade imediata para o alcance de padrões nutricionais e a redução de doenças, entre outras metas, nem sempre se dão conta do cenário das emoções do qual a amamentação faz parte. As ações e as reações são atravessadas por componentes emocionais que, mesmo não estando explícitos, fornecem sentidos que as sustentam. Assim, os fluxos lácteos não operam só no plano dos nutrientes, podendo alimentar as emoções tão necessárias para os vínculos que são apreendidos em uma relação específica e são, gradativamente, ampliados nas relações interpessoais mais amplas (ALMEIDA, 1999 p. 8).

Dentro do sistema obstétrico e neonatal de nosso país o tecnicismo e a atenção mecânica biologicista, desprovida de evidências científicas, tem transformado os eventos familiares; gestar, parir, nascer e amamentar, em técnicas elaboradas e instrumentalizadas, desconsiderando a unicidade de cada ser.

A amamentação é um processo que está além de ser apenas biológico. Trata-se de um ato impregnado de ideologias e determinantes, que resultam de condicionantes sociais, econômicos,

políticos e culturais que a transformaram em um ato “regulável pela sociedade” (ALMEIDA, 1999). A interação desses fatores pode provocar inferências positivas ou negativas no processo da amamentação. Deste modo, as ações voltadas para a promoção e proteção do aleitamento materno devem estar atreladas à humanização e a criação de mecanismos e espaços que contribuam com a gestão participativa, intuindo o incentivo à descentralização do conhecimento e das ações educativas de modo efetivo, a fim de aproximar a saúde como é vivida e sentida pela população, contribuindo com a organização dos serviços, com direcionamento àquela determinada população e suas peculiaridades, colocando o conhecimento integrativo como uma possibilidade que oriente a ação dos profissionais que compõem o SUS.

Diante da inquietação de membros da equipe da maternidade em questão, e dos questionamentos sobre a eficiência das ações educativas preexistentes, sentimos a necessidade de motivar a equipe multiprofissional às práticas humanísticas em relação às políticas de aleitamento do ICV e da comunidade ligada a este instituto através da atenção integral, enfatizando a atenção às emoções da mulher que amamenta, iniciando, portanto, o projeto intitulado “Educação Popular para Amamentar”.

METODOLOGIA

Este estudo consiste em um relato de experiência vivenciado por mim em quanto Enfermeira, Avaliadora da Iniciativa Hospital Amigo da Criança e da Mulher/MS, durante o período em que estive atuando no NEPAM do Banco de Leite Humano Dr.^a Zilda Arns atrelado ao ICV, no período de outubro de 2012 a Julho de 2017.

O relato de experiência, enquanto estudo, enquadra-se na técnica da etnografia, que motiva estudar e cuidar de grupos de pessoas numa perspectiva transcultural, compreendendo que as pessoas tem seus modos de perceber o mundo e relacionar as suas vivencias e percepções com crenças e práticas de saúde, aproximando o pesquisador do ambiente de estudo, destacando a perspectiva da Teoria da Enfermagem Transcultural defendida por Madeleine Leininger. Neste sentido, enquadra-se a etnoenfermagem, abordagem fruto da utilização dos fenômenos etnográficos na enfermagem, utilizando esta junção como método eficiente para alcançar diversos elementos da vida das pessoas, auxiliando a compreensão das subjetividades de valores, sentimentos, emoções construindo o saber em diversos aspectos do cuidado (GUALDA, HOGA, 1992).

Neste sentido, através do projeto “Educação Popular para Amamentar” buscou-se, promover uma prática dialógica, construindo junto a profissionais e usuários, espaços que propiciassem a reflexão das práticas e seus fundamentos, acolhendo saberes, a fim de contribuir para que as mulheres se percebessem enquanto agentes da sua própria história, valorizando e respeitando suas emoções, para elaborar suas ideias acerca do seu papel social e emocional de ser mãe que amamenta, cidadã e trabalhadora, sem, no entanto, esquecer o ser mulher.

Neste processo, iniciamos as práticas pedagógicas com usuárias internas nas enfermarias do ICV, onde realizávamos visitas leito a leito, eu enfermeira do NEPAM e a psicóloga Danielly Diniz em busca de conhecer o público ao qual destinamos a ação. Em seguida estudamos o perfil das mulheres, companheiros e demais acompanhantes, a fim de estruturar atividades de educação permanente que estivessem de acordo com as necessidades do público alvo. Posteriormente, passamos a realizar atividades lúdico participativas na comunidade (unidades de saúde, instituições de ensino, espaços onde a temática fosse acolhida de modo geral).

Ao longo da caminhada, no fazer e refazer dos modos de abordagem do projeto, construindo as práticas de acordo com o público, realizamos oficinas, rodas de diálogo, formações e debates com um numero aproximado de 900 pessoas, entre profissionais e usuários do serviço de saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a infância (UNICEF) idealizou a Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC), em 1990, cujo objetivo é promover, proteger e apoiar o aleitamento materno. A política propõe mobilizar os funcionários dos estabelecimentos de saúde para mudar condutas e rotinas responsáveis pelos elevados índices de desmame precoce e estabeleceram os dez passos para o sucesso do aleitamento materno, como o objetivo de estabelecer um padrão a ser seguido pelos serviços de saúde, alinhando as condutas e promovendo impacto na atenção ao aleitamento.

Assim o UNICEF (2012, p.43) no Manual de aleitamento, estabelece que os hospitais devem amigos da criança devem:

- 1 – Ter uma norma escrita sobre aleitamento materno, que deve ser rotineiramente transmitida a toda a equipe do serviço.
- 2 – Treinar toda a equipe, capacitando-a para implementar essa norma.
- 3 – Informar todas as gestantes atendidas sobre as vantagens e o manejo da amamentação.

- 4 – Ajudar a mãe a iniciar a amamentação na primeira meia hora após o parto.
- 5 – Mostrar às mães como amamentar e como manter a lactação, mesmo se vierem a ser separadas de seus filhos.
- 6 – Não dar a recém-nascido nenhum outro alimento ou bebida além do leite materno, a não ser que tenha indicação clínica.
- 7 – Praticar o alojamento conjunto – permitir que mães e bebês permaneçam juntos 24 horas por dia.
- 8 – Encorajar a amamentação sob livre demanda (todo momento que o bebe desejar).
- 9 – Não dar bicos artificiais ou chupetas a crianças amamentadas.
- 10 – Encorajar o estabelecimento de grupos de apoio à amamentação, para onde as mães devem ser encaminhadas por ocasião da alta hospitalar.

Em 1997, o Instituto Cândida Vargas (ICV), maternidade pública do município de João Pessoa-PB, recebeu do Ministério da Saúde (MS) o título de Hospital Amigo da Criança. A honraria afirmara o compromisso da unidade com a saúde infantil através da prática do aleitamento materno. Para tal, criou-se em 2000 o banco de leite Zilda Arns, corroborando com ações que visam o acolhimento, orientação e auxílio à mãe com dificuldade para amamentar ou produzir leite, assim como as mulheres que têm leite em abundância e poderiam realizar doações para serem ofertadas a bebês que estão recebendo cuidados intensivos através do método canguru.

O Método Canguru é um modelo de assistência perinatal voltado para a melhoria da qualidade do cuidado, desenvolvido em três etapas conforme Portaria GM/MS nº 1.683, de 12 de julho de 2007 que: parte dos princípios da atenção humanizada; reduz o tempo de separação entre mãe e recém-nascido e favorece o vínculo; permite um controle térmico adequado; contribui para a redução do risco de infecção hospitalar; reduz o estresse e a dor do recém-nascido; aumenta as taxas de aleitamento mater- no; melhora a qualidade do desenvolvimento neurocomportamental e psico-afetivo do recém-nascido; propicia um melhor relacionamento da família com a equipe de saúde; possibilita maior competência e confiança dos pais no cuidado do seu filho inclusive após a alta hospitalar; reduz o número de reinternações; e contribui para a otimização dos leitos de Unidades de Terapia Intensiva e de Cuidados Intermediários Neonatais (BRASIL, 2011, p.205).

Contudo, inúmeros fatores dificultam à prática do aleitamento materno e os cuidados da saúde com o bebe e a mãe, um exemplo, o conhecimento popular. É sabido que esse conhecimento ancestral tem sido distorcido pela ação comercial do modelo biomédico e desconsiderado no contexto das ações de educação em saúde, devido ao cunho tecnicista que tem crescido e se estruturado nos últimos anos, somando-se ao impacto causado pelo senso comum. Em o “Saber

Local”, Geertz (1998, p. 115), ao analisar a estrutura do senso comum, provoca-nos para a “distinção” entre a apreensão da realidade feita casualmente e “uma sabedoria coloquial, com os pés no chão, que julga ou avalia essa realidade”. Em nosso país, diversas informações sobre o manejo da lactação têm sido difundidas erroneamente, e isto está relacionado a inúmeros fatores, dentre elas a banalização da atenção a saúde da mulher e da criança.

Em se tratando de métodos e estratégias, é destacado o que proporciona tal aproximação é a educação popular em saúde, que promove o diálogo para a construção da autonomia e emancipação dos grupos populacionais que historicamente foram excluídos em seu modo de entender a vida, em seus saberes e nas oportunidades de participar dos rumos da história. Neste sentido, observa-se a ocasião de trabalhar com as mulheres e crianças na perspectiva de refletir sobre a exclusão e as possibilidades de resignificar saberes ancestrais e emocionais.

Apesar dessas normatizações, portarias e leis, chama a atenção, o fato de a política da IHAC ser posta em prática pelos profissionais técnicos, tratando a “amamentação como uma obrigação da nutriz”, culpabilizando-a pelo insucesso da amamentação. Deste modo, a mulher busca outros métodos alternativos de “ajuda”. (STADLER, 2016). Com o desejo de “sanar” os “anseios e dificuldades” a mulher busca vizinhas, tias, irmãs, mães, benzedeadas, que passam a ser conselheiras que não atuam no sentido da culpabilização e nem do julgamento. A questão é; devido a transmissão de algumas informações distorcidas pelo senso comum, podem prejudicar a amamentação e trazer sérios prejuízos a saúde de mãe e bebê.

Assim sendo, foi possível observar nas práticas do NEPAM que o meio social, a cultura, e o conhecimento prévio submetido à reflexão e embasamento científico associado, são fatores que reverberam no modo como a mulher lida com a amamentação. O meio social da mulher que amamenta, sua cultura e a relação emocional que tem com o ato, precisam ser considerados pelos profissionais para que se possa por em prática ações que promovam, protejam e apoiem o aleitamento materno em seus diversos aspectos, de modo próximo e acolhedor (BRASIL, 2015).

A intencionalidade em trabalhar com a educação popular no âmbito da saúde holística, surgiu mesmo antes que fosse possível compreender seu arcabouço teórico e como se dá sua prática sistemática consciente. O contato com a educação sob a perspectiva integrativa, se fortalece com a participação em movimentos sociais, leituras e experiências pessoais, despertando para necessidade de encontrar ferramentas que nos aproximassem dos sujeitos da ação em questão, através de perspectivas humanísticas que consideram o ser em sua integralidade, para que fosse possível

estabelecer um vínculo de confiança para o diálogo e assim apoiar profissionais e usuários envolvidos na experiência da amamentação.

Observamos que as ações educativas provocadas pelo projeto “Educação Popular para Amamentar”, resultaram no primeiro momento um aumento significativo nas doações de LM (Leite Materno) por parte de doadoras internas e externas, pela maior mobilização dos profissionais do instituto, no sentido de motivar e estimular as usuárias do serviço. Posteriormente, notou-se uma maior conscientização na abordagem da amamentação por parte dos profissionais.

Paulo Freire em “A pedagogia do Oprimido” (2014), trata sobre a humanização a partir da aceção da restauração das relações humanas e da ruptura com as relações de exploração a partir da libertação, fruto do diálogo. A pedagogia freireana propõe a educação a partir de um projeto político pedagógico que visa a estimular o pensamento crítico e a autonomia de todos os envolvidos neste processo.

Ao colocar a educação popular como uma estratégia política e metodológica na ação do Ministério da Saúde, permite-se a inclusão e a identificação das usuárias possibilitando trabalhar holisticamente os saberes e as práticas em aleitamento materno. Consequentemente, “trabalhar com a educação popular em saúde qualifica a relação entre os cidadãos, definidos constitucionalmente como sujeitos do direito à saúde, pois pauta-se na subjetividade inerente aos seres humanos” (BRASIL, 2007, p.7). Nesse sentido, o MS apresenta as iniciativas em saúde como:

portadora da coerência política da participação social e das possibilidades teóricas e metodológicas para transformar as tradicionais práticas de educação em saúde em práticas pedagógicas que levem à superação das situações que limitam o viver com o máximo de qualidade de vida que todos nós merecemos.

As competências esperadas dos profissionais de saúde que atuam junto à mulher que amamenta, sua família e comunidade estão relacionadas ao conhecimento dos aspectos históricos, psicológicos, sociais, culturais e biológicos da amamentação. Além disso, ele deve ter habilidade científica, técnica, política e de relacionamento para assistir, além desta mulher, também seu companheiro ou companheira, filhos, família e comunidade, reunindo os diferentes segmentos que compõem a extensa rede sociobiológica do aleitamento materno.

CONCLUSÃO

Apesar, de existirem diversas políticas que buscam promover, proteger e apoiar o aleitamento, é perceptível que as ações educativas tem sido aplicadas de maneira superficial, considerando apenas o ato de amamentar como algo inerente à mulher, desconsiderando todo o arcabouço de interações que confluem para o sucesso ou insucesso desta prática.

O estudo aqui descrito nos possibilitou acessar dados importantes sobre o aleitamento no Brasil e na Paraíba, para compreensão do cenário atual. As concepções e visões presentes no cenário obstétrico atual, estimulam práticas de transmissão de informações, de modo que a problematização das dificuldades, crenças e valores, e o impacto que causam na vida de mulheres/gestantes/puérperas e em todo o processo de aleitamento, tem sido desconsiderados. Portanto do escopo teórico e prático da educação popular, através da educação emocional, da saúde holística e da transculturalidade, tem trazido consigo o potencial motivador de desconstruir estereótipos, remetendo-nos cada vez mais a necessidade urgente de aprofundamento de questões que perpassam o campo da saúde coletiva a partir de uma perspectiva integrativa do ser, dando voz às mulheres em suas vivências e escolhas, a exemplo de suas emoções, crenças e valores sociais.

As ações voltadas para a promoção e proteção do aleitamento materno devem estar atreladas à humanização e a criação de mecanismos e espaços que contribuam com a problematização da opressão, intuindo o incentivo ao empoderamento das mulheres, partindo de ações educativas efetivas, a fim de aproximar a saúde como é vivida e sentida pela população, contribuindo com a igualdade de gênero, direcionando ações de promoção da educação em saúde atentando para àquela determinada população e suas peculiaridades, colocando o conhecimento que orienta a ação dos profissionais que compõem o SUS para além do sucesso do aleitamento, sendo desencadeador de processos que contribuam com a equidade de gênero e a cidadania.

Observamos que as ações educativas que valorizam a emocionalidade que foram provocadas pelo projeto, resultaram no primeiro momento um aumento significativo nas doações de LM (Leite Materno) por parte de doadoras internas e externas, pela maior mobilização dos profissionais do instituto, no sentido de motivar e estimular as usuárias do serviço. Posteriormente, notou-se uma maior conscientização na abordagem da amamentação por parte dos profissionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.A.G. **Amamentação: um híbrido natureza-cultura**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. 120 p. ISBN: 978-85-85239-17-4.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de educação popular e saúde / Ministério da Saúde**, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. - Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança : aleitamento materno e alimentação complementar / Ministério da Saúde**, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015. 184 p. : il. – (Cadernos de Atenção Básica ; n. 23)

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. **Atenção Humanizada ao Recém-Nascido de Baixo Peso: Método Canguru Manual Técnico**. 2.ed. Brasília, 2011.

Brasil. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde Promovendo o Aleitamento Materno 2ª edição**, revisada. Brasília: 2007

BELTRAMMI, D. G. M. **Descentralização: o desafio da regionalização para Estados e Municípios**. Rev. RAS, 2008.

DIAS, M. A. B; DOMINGUES, R. M. S. M. **Desafios na implantação de uma política de humanização da assistência hospitalar ao parto**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 10, n. 3, p. 699-705, 2005. Acessado em:24/08/2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000300026&lng=en&nrm=iso>

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, 57.^a edição.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Joscelyne. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOMES, R. **Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, 2014.

GUTMAN, L. **A Maternidade e o Encontro com a Própria Sombra**. Rio de Janeiro: Best Seller. 1ª ed. 2009.

LAMY, Z. C et al. **Atenção humanizada ao recém-nascido de baixo peso - Método Canguru: a proposta brasileira**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 10, n. 3, p. 659- 668, 2005. Acessado em> 29/08/2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000300022&lng=en&nrm=iso.

OPAS, Organização Panamericana de Saúde; **Aleitamento materno: benefícios não só para os bebês.** 2016.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. **O Universo das Emoções: uma introdução.** João Pessoa – Libelus, 2017.

GUALDA, D.M.R.; HOGA, L.A.K. Estudo sobre teoria transcultural de Leininger. Rev. Esc. Enf. USP, v. 26, n. 1, p. 75-86, mar. 1992.